UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS-IL
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO-LET

CATARINA CASTRO SERRA

ENTRE FRONTEIRAS E IDENTIDADES: O ENCONTRO DE NARRATIVAS FEMININAS EM WIDE SARGASSO SEA

Brasília,
2026

Catarina Castro Serra

ENTRE FRONTEIRAS E IDENTIDADES: O ENCONTRO DE NARRATIVAS FEMININAS EM WIDE SARGASSO SEA

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Letras: Inglês, do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (UnB), como requisito para a obtenção do título de licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Michelle Andressa Alvarenga de Souza

Brasília,

2026

AGRADECIMENTOS

À professora Michelle que me apresentou esse livro que mudou a minha vida e a minha forma de pensar.

À minha mãe, Vera Lúcia, que me inspira a ser uma mulher corajosa que vai atrás dos seus sonhos e não desiste nunca.

À minha irmã, Luna, que é meu maior exemplo de quem eu quero me tornar e ser no futuro.

Ao meu namorado, Victor, que é meu porto-seguro e traz a minha melhor versão à tona, sempre me incentivando.

Às minhas melhores amigas, Malu e Ravena, que tornaram a vida acadêmica mais leve e são meu maior exemplo de trajetórias femininas destinadas a se encontrar.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar como as narrativas femininas no romance *Wide Sargasso Sea* (2012), de Jean Rhys, entrelaçam-se para problematizar os impactos do colonialismo e do patriarcalismo de formas distintas. Nesta monografia, foi utilizada uma abordagem qualitativa, com referenciais bibliográficos voltados aos estudos pós-coloniais e à crítica literária feminista, a fim de contribuírem para análise das experiências das personagens Antoinette, Christophine e Annette. A pesquisa apresenta como a autora valoriza uma pluralidade de vozes femininas a partir de questões de raça, classe e gênero, os quais permeiam a construção dessas identidades caribenhas com o intuito de desafiar o cânone literário.

Palavras-chave: Narrativas femininas. Literatura pós-colonial. Caribe. Identidade. Jean Rhys.

ABSTRACT

The objective of this work is to demonstrate how the feminine narratives in the novel *Wide Sargasso Sea* (2012), written by Jean Rhys, intertwine to problematize the impacts of colonialism and patriarchy in distinct ways. This monograph adopts a qualitative approach, drawing on bibliographical references from post-colonial studies and from the feminist literary criticism to contribute to the analysis of the experiences of Antoinette, Christophine and Annette. This research presents how the author values a plurality of feminine voices through the categories of race, class, and gender, which permeate Caribbean identity construction to challenge the literary canon.

Keywords: Feminine narratives. Post-colonial literature. Caribbean. Identity. Jean Rhys.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – UM PANORAMA DA TEORIA PÓS-COLONIAL E SUAS POSSIBILIDADES NOS ESTUDOS DE LITERATURA..... 9
1.1 A literatura pós-colonial inglesa..... 9
1.2 Orientalismo e a construção da narrativa colonial..... 9
1.3 Identidade, diáspora, entre-lugar e hibridismo..... 11
1.4 O estudo das narrativas femininas..... 12
CAPÍTULO 2 – O DOMÍNIO BRITÂNICO NO CARIBE..... 15
2.1 A expansão do colonialismo britânico no Caribe..... 15
2.2 O sistema colonial, a escravidão e os impactos na sociedade caribenha..... 16
2.3 A construção das identidades caribenhas..... 17
2.4 As mulheres no âmbito colonial..... 18
CAPÍTULO 3 – JEAN RHYS ATUANDO CONTRA O SILENCIAMENTO NO ROMANCE WIDE SARGASSO SEA..... 21
3.1 A biografia e a obra de Jean Rhys..... 21
3.2 O desenvolvimento do enredo diante do olhar feminino..... 22
3.3 A construção identitária de Antoinette..... 23
3.4 A reeleitura como uma ressignificação..... 25
CAPÍTULO 4 –AS NARRATIVAS FEMININAS NO ROMANCE..... 26
4.1 A composição narrativa de Antoinette..... 26
4.2 Influência da escrita masculina colonizadora..... 28
4.3 A ressignificação de Jane Eyre em Wide Sargasso Sea..... 30
4.4 O encontro das narrativas femininas contra o silenciamento..... 31
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 37

INTRODUÇÃO

A literatura pós-colonial contribuiu para dar voz a uma pluralidade de sujeitos, principalmente às mulheres marginalizadas, além de revisar criticamente o cânone literário. Nesse sentido, *Wide Sargasso Sea* (2012), de Jean Rhys, é uma releitura do clássico, *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë, que traz uma nova perspectiva para Bertha Mason - renomeada Antoinette Cosway. Este trabalho de conclusão de curso visa apresentar como o livro de Rhys questiona o discurso colonial e patriarcal nas tradições literárias ao representar o entrelaçamento das diferentes narrativas femininas, no âmbito caribenho, a partir das personagens Antoinette, Christophine e Annette. Assim, o trabalho é dividido em quatro capítulos que buscam responder como essas experiências se conectam.

O primeiro capítulo é focado nas referências bibliográficas que fundamentam a pesquisa. De início, foi necessário compreender como a literatura pós-colonial inglesa surgiu e se caracteriza, a partir das reflexões de Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (2004). Logo em seguida, os teóricos Edward Said, Homi K. Bhabha e Stuart Hall foram essenciais para discutir questões pós-coloniais permeadas na obra de Rhys. Edward Said (2011) critica como a literatura é uma construção do colonialismo marcada por estereótipos. Bhabha (2013) e Hall (2013) articulam as concepções de identidade, diáspora, hibridismo cultural e "entre-lugar", para revelar como novas manifestações culturais e identitárias surgiram com o encontro de diferentes culturas durante a colonização.

Além disso, autoras da crítica feminista contribuem para compreender as distintas vivências femininas. Bell Hooks (2019), Angela Davis (2016), Kimberlé Crenshaw (2013) e Lélia Gonzalez (2020) discutem sobre como não se pode falar das mulheres em um sentido universalizante. Dessa maneira, elas são relevantes para compreender que as mulheres caribenhas enfrentam diferentes opressões em razão da colonialidade, raça e classe.

O segundo capítulo abrange o contexto histórico caribenho a fim de entender como o colonialismo britânico impactou essa população. O Caribe foi marcado por intensas disputas europeias em virtude da produção açucareira e da exploração de recursos locais. No entanto, com a crescente dominação britânica querendo expandir cada vez mais o acúmulo de riquezas, as forças de trabalho foram substituídas pela escravidão, que afetou drasticamente a composição identitária e cultural dos caribenhos.

Com a escravidão, muitos africanos foram trazidos, tornando-se a maior parcela do contingente populacional, o que resultou no aumento da população crioula. Essa violência

colonial também impactou as mulheres caribenhas. Elas trabalharam excessivamente nas lavouras por não serem reconhecidas como “mulheres” pelos estereótipos europeus, mas quando convinha aos colonizadores, eles as exploravam sexualmente, sendo desumanizadas constantemente.

No terceiro capítulo, destaca-se como Jean Rhys luta contra o silenciamento no romance. A biografia de Rhys expõe como a trajetória da autora influenciou na obra *Wide Sargasso Sea.* Ela é uma mulher crioula que se sentiu deslocada ao deparar-se com a cultura inglesa, o que mostra a relação de não pertencimento de muitos caribenhos, por não se identificarem apenas com uma herança cultural. Essa representação aparece na personagem Antoinette que quer se encaixar em algum lugar.

Ademais, a análise mostra como a releitura ressignifica a forma que as mulheres são apresentadas, ganhando voz, algo que se pode notar no resumo da história que questiona o olhar colonial e na forma que a Antoinette representa uma constituição identitária fragmentada. Logo, percebe-se que Rhys questiona, a partir de sua narrativa, as estruturas de poder.

O último capítulo traz a análise do romance, utilizando os pressupostos teóricos pós-coloniais e da crítica feminista. À luz de Hall (2013) e Bhabha (2013), entende-se que a identidade de Antoinette é marcada por diferentes heranças culturais, sendo constantemente reconstruída. Jean Rhys utiliza do recurso de trazer a visão do colonizador, ao demonstrar como Rochester, segundo as ideias de Said (2011), reproduz um discurso de inferiorização dos povos colonizados.

No entanto, a partir dessa perspectiva, ela critica o sistema colonial compartilhando e respeitando as perspectivas de Christophine e Antoinette, que valorizam os saberes e tradições caribenhas, revelando as vozes e pensamentos dessas mulheres que foram marginalizadas e silenciadas. Assim, Rhys ressignifica o cânone literário ao trazer uma pluralidade de vozes femininas e ao problematizar as representações imperiais. O capítulo finaliza com o ponto central da pesquisa, apresentando com a teoria feminista como Antoinette, Christophine e Annette têm as trajetórias entrelaçadas. Elas enfrentam diferentes opressões, mostrando como as narrativas femininas não são homogêneas, mas que se conectam por meio da diversidade na identidade da protagonista.

Portanto, conclui-se nessa pesquisa que o colonialismo e o patriarcalismo impactaram as trajetórias femininas caribenhas, especialmente ao analisar as personagens de *Wide Sargasso Sea.* Entretanto, Jean Rhys mostra como o contato entre diversas mulheres

desconstrói a imagem universalizante atribuída a elas, questionando o discurso dominante e revelando que a pluralidade está presente na formação de identidades.

CAPÍTULO 1 – UM PANORAMA DA TEORIA PÓS-COLONIAL E SUAS POSSIBILIDADES NOS ESTUDOS DE LITERATURA

1.1 A literatura pós-colonial inglesa

A literatura pós-colonial inglesa surgiu como uma produção literária em resposta à necessidade de se discutir sobre os impactos sociais, culturais e políticos causados pelo colonialismo. De acordo com Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (2004) em *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures,* a literatura pós-colonial emergiu por meio das tensões e diferenças quanto ao poder imperial. Logo, essa literatura busca questionar o discurso dominante eurocêntrico, por meio de uma escrita voltada para narradores que foram historicamente marginalizados e silenciados, além de problematizar as relações de poder estabelecidas durante a colonização.

Outrossim, esse campo literário procura representar uma valorização dos povos que foram invisibilizados. Nas palavras de Ana Lúcia Rocha Silva, José Dino Cavalcante e Ludimila Silva de Almeida (2026), "[...] as abordagens pós-coloniais buscam abrir espaço para outras formas de conhecimento e de enunciação, valorizando perspectivas historicamente invisibilizadas." Nessa perspectiva, a literatura pós-colonial busca romper com o discurso do colonizador, trazendo uma visão pluralizada a partir de diferentes vivências e identidades que foram subalternizadas.

À luz dessas considerações, a literatura pós-colonial caracteriza-se por fazer uma revisão crítica das representações coloniais em obras produzidas nesse período. Ashcroft et al (2004) enfatizam que a reescrita funciona não apenas como uma reversão da hierarquia colonial, mas desestabiliza os conceitos filosóficos e culturais estabelecidos pelo cânone literário europeu. Desse modo, os escritores dessa visão pós-colonial propõem novas interpretações para a forma que os impérios, principalmente o britânico, estabeleceram certos padrões e concepções narrativas como superiores.

1.2 Orientalismo e a construção da narrativa colonial

Em *Cultura e Imperialismo* (2011), Edward Said demonstra como o poder e a ideologia atuam, de forma consciente e inconsciente, na formação e na manutenção de um

sistema de dominação que ultrapassa a força militar. Ao analisar narrativas produzidas por escritores ocidentais acerca do mundo colonizado, o autor examina a linguagem, as imagens e os símbolos retratados nessas obras para evidenciar que elas não expressam uma determinada realidade, mas também contribuem para moldar identidades, subjetividades, culturas, histórias e as relações entre colonizadores e colonizados.

Quanto a isso, Said apresenta como a literatura refletiu e fortaleceu o imperialismo britânico, francês e norte-americano por meio de discursos que legitimam a dominação e a exploração dos povos colonizados. Para isso, o teórico analisa obras do cânone inglês, como *Mansfield Park*, de Jane Austen; *Kim* de Rudyard Kipling; *Aida* de Giuseppe Verdi e *O Imoralista* de Andre Gide, a fim de revelar os pressupostos imperialistas presentes nessas obras. Em relação ao escritor Joseph Conrad, o autor o considera, ao mesmo tempo, um crítico do imperialismo e um precursor de uma visão ocidental limitada em relação às culturas e às aspirações do chamado Terceiro Mundo.

> O que há de marcante nesses discursos são as figuras retóricas que encontramos constantemente em suas descrições do "Oriente misterioso", os estereótipos sobre "o espírito africano" (ou indiano, irlandês, jamaicano, chinês), as ideias de levar a civilização a povos bárbaros ou primitivos, a noção incomodamente familiar de que se fazia necessário o açoitamento, a morte ou um longo castigo quando "eles" se comportavam mal ou se rebelavam, porque em geral o que "eles" melhor entendiam era a força ou a violência; "eles" não eram como "nós", e por isso deviam ser dominados. (SAID, 2011, p. 9)

Na passagem apresentada, o autor critica como a literatura é uma construção do sistema colonial, já que os povos colonizados são desumanizados a partir de estereótipos impostos pelo olhar do colonizador, como uma forma de dominação. Além disso, Said (2013) demonstra como o imperialismo tentava justificar os atos de violência como se fosse um "dever" civilizatório, a fim de que as pessoas aceitassem essa crueldade.

Logo, ao examinar as relações entre Grã-Bretanha e Índia, França, Argélia e Estados Unidos e outras regiões do mundo, Said expõe como a cultura fortalece o projeto imperialista tanto de maneira explícita quanto sutil. Nesse sentido, ele defende que cultura e imperialismo são indissociáveis, uma vez que as produções culturais, especialmente o romance, estão profundamente relacionadas ao processo colonial, mesmo quando parecem distantes dele. Assim, o teórico propõe uma leitura crítica dessas obras, revelando como elas participam da construção de narrativas imperiais, mas dando voz a sujeitos marginalizados e silenciados pelo discurso imperial e questionando concepções essencialistas de identidade e migração.

1.3 Identidade, diáspora, entre-lugar e hibridismo

A definição do conceito de identidade tem sido um tema constante nos estudos pós-coloniais , pois busca compreender as mudanças significativas na constituição social, cultural e histórica de povos anteriormente colonizados diante dos impactos provocados pela dominação inglesa. O teórico cultural Stuart Hall (2013) define a identidade cultural como uma formação histórica contínua, resultante de repertórios sociais e culturais específicos. Desse modo, a perspectiva do pesquisador contribui de forma relevante para as discussões pós-coloniais, visto que possibilita refletir sobre como esses sujeitos reinventam suas experiências de colonialismo por meio de novas manifestações identitárias.

Para Hall (2013), não é possível interpretar a identidade a partir de uma essência fixa e imutável, mas de um processo de construção constante, resultante de diferentes repertórios socioculturais. Segundo o teórico, a identidade caribenha passou por esse processo de construção, uma vez que se configurou a partir das marcas deixadas pela violência colonial e pelos deslocamentos culturais. Ele defende que "Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar." (HALL, 2013, p. 49). Diante do exposto, diversas sociedades ressignificaram suas experiências e produziram novas identidades, a fim de se adaptarem às novas realidades e desenvolverem o sentimento de pertencimento que tanto almejavam.

A partir dessa compreensão, umas das concepções primordiais para esclarecer essas identidades é a diáspora. Segundo Hall (2013), a diáspora refere-se ao deslocamento de povos para além do território de origem, resultando no surgimento de identidades múltiplas, híbridas e em constante processo de ressignificação. O autor afirma que "a distinção de nossa cultura é manifestamente o resultado do maior entrelaçamento e fusão, na fornalha da sociedade colonial, de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus." (HALL, 2013, p. 34). Nesse sentido, Hall (2013), sustenta que a identidade caribenha é composta pelo encontro de diversas sociedades e culturas decorrentes da diáspora, que resultaram em uma diversidade cultural em constante transformação.

De modo semelhante a Hall, Homi K. Bhabha (2013) defende que a configuração demográfica contemporânea é profundamente influenciada pelas histórias da diáspora cultural e política, bem como pelas migrações e deslocamentos coloniais. Desse modo, ambos autores

refletem como esses encontros históricos de deslocamento promovem processos de hibridização cultural.

Bhabha (2013), por sua vez, desenvolve a noção de hibridismo cultural para evidenciar como as identidades caribenhas são constantemente transformadas pelo contato entre diferentes culturas. Nesse viés, o autor defende que o hibridismo emerge como resultado da necessidade de novas manifestações culturais advindas das interações entre povos distintos, um processo que

> ultrapassa as bases de oposição dadas e abre um espaço de tradução: um lugar de hibridismo, para se falar de forma figurada, onde a construção de um objeto político que é novo, nem um e nem outro, aliena de modo adequado nossas expectativas políticas, necessariamente mudando as próprias formas de nosso reconhecimento do momento da política. (BHABHA, 2013, p. 56)

Assim, as identidades culturais são marcadas por processos de diáspora e deslocamento que ampliam as experiências culturais, as quais são continuamente reformuladas. A hibridização cultural não surge apenas pelo encontro entre diferentes culturas, mas também pela necessidade de estabelecer novas tradições culturais e identidades. Comunidades diversificadas buscam encontrar um espaço de pertencimento por meio da interação entre diferentes individualidades, desconstruindo as hierarquias de poder coloniais e valorizando as identidades historicamente marginalizadas. O conceito de entre-lugar, estabelecido por Homi K. Bhabha (2013), torna-se fundamental para analisar as transformações identitárias decorrentes dessas mediações culturais e sociais.

Em *O local da cultura*, Bhabha (2013) argumenta que o encontro entre diferentes sociedades produz um "entre-lugar", no qual os valores culturais e as novas identidades são negociados. Sob essa perspectiva, compreende-se que as identidades constituem construções dinâmicas decorrentes das negociações entre diferentes culturas. Esse conceito contribui para as pesquisas pós-coloniais ao revelar que os sujeitos constroem suas identidades a partir da ambivalência e da pluralidade culturais.

Portanto, os conceitos teóricos de Hall e Bhabha acerca de identidade cultural dialogam entre si. Ambos discutem que a construção identitária é dinâmica e híbrida, sendo influenciada pelas negociações entre as diferentes heranças culturais que refletem as sociedades pós-coloniais, como a Jamaica.

1.4 O estudo das narrativas femininas

As representações femininas no cânone literário apresentavam uma visão estereotipada e universalizante das vivências das mulheres, pois privilegiavam o discurso masculino. Com

os avanços da crítica literária feminista, surgiram cada vez mais estudos acerca das narrativas produzidas ou personificadas por mulheres, como uma forma de reconhecer e recuperar essas vozes, que foram silenciadas e marginalizadas, como produtoras de conhecimento ou de produzir outras formas de realidade. Dileane Fagundes de Oliveira e Anselmo Peres Alós (2013) revelam que a estratégia da crítica literária feminista é de resistir ao processo de homogeneização e do universalismo legitimados pelo patriarcalismo. Assim, os relatos femininos são importantes para além de valorizar a subjetividade e as memórias desses sujeitos que foram invisibilizados, mas também para questionar as estruturas de poder do sistema patriarcal.

Esses estudos reconhecem que as narrativas femininas não podem ser retratadas a partir de uma experiência homogênea. No livro *E Eu Não Sou uma Mulher? Mulheres negras e o feminismo*, Bell Hooks (2019) critica como o termo "mulher" era utilizado de uma forma universalizante, considerando apenas as vivências de mulheres brancas de classe média para analisar todas as realidades femininas. "Em toda a história americana, o imperialismo racial dos brancos apoiou o costume dos acadêmicos em usar o termo "mulheres" mesmo que eles se referissem unicamente às experiências das mulheres brancas." (HOOKS, 2019, p. 9). Dessa maneira, a crítica literária feminista atual compreende que as mulheres têm suas vidas atravessadas por questões de cultura, classe, raça e contexto histórico que devem ser consideradas para compreender suas experiências e a forma que suas narrativas são construídas.

Kimberlé Crenshaw (2013), por sua vez, desenvolve o conceito de interseccionalidade para mostrar como as experiências femininas não podem ser analisadas por categorias isoladas, visto que as diferentes formas de opressão como o racismo, o sexismo e as desigualdades sociais atuam conectadas. É possível ver isso no trecho: "*similarly, if a Black woman is harmed because she is in the intersection, her injury could result from sex discrimination or race discrimination*." (CRENSHAW, 2013, p. 149). Desse modo, a interseccionalidade contribui para a construção das identidades e vivências femininas, visto que ela abrange complexas dimensões.

As pesquisadoras Lélia Gonzalez e Angela Davis aprofundam o conceito de Crenshaw ao analisarem como a produção e a representação das trajetórias femininas são marcadas pelo encontro entre gênero, raça e classe. Gonzalez exemplifica: "Aqui também se percebe a necessidade de tirar de cena a questão crucial: a libertação da mulher branca tem sido feita às custas da exploração da mulher negra." (GONZALES, 2020, p. 42). Essa crítica ao feminismo hegemônico pode ser encontrada de forma análoga no livro *Mulheres, Raça, Classe* de Angela

Davis, onde a autora escreve que “é preciso compreender que classe informa a raça. Mas raça, também, informa a classe. E gênero informa a classe. Raça é a maneira como a classe é vivida. Da mesma forma que gênero é a maneira como a raça é vivida.” (DAVIS, 2016, p. 20). As autoras refletem sobre como o encontro entre as categorias de raça, classe e gênero rompe com o discurso dominante ao dar voz para grupos de mulheres marginalizadas.

Portanto, os estudos das narrativas femininas auxiliaram nessa necessidade de desmantelar as reproduções universais e hegemônicas presentes em diversas obras ao longo do processo de construção literária. Ao repensar e reescrever o cânone a partir dessas vozes que foram marginalizadas e silenciadas, a literatura feminista denuncia e resgata as trajetórias das mulheres, demonstrando que elas não são únicas e sim diversificadas.

CAPÍTULO 2 – O DOMÍNIO BRITÂNICO NO CARIBE

2.1 A expansão do colonialismo britânico no Caribe

A colonização do Caribe foi marcada por intensas disputas entre potências europeias que buscavam novas fontes de riqueza e a aquisição de novos territórios por meio da expansão marítima e da rivalidade mercantilista entre as nações. Nesse sentido, conforme Elizabeth Ribeiro e Hildergard Herbold explicam no livro *Caribe: o paraíso submetido* (1986), após a chegada de Cristóvão Colombo, em 1492, a Espanha estabeleceu o domínio em grande parte das ilhas caribenhas, utilizando o arquipélago como ponto de estratégia para a exploração de recursos locais.

No entanto, ao longo do século XVI, o domínio espanhol começou a ser questionado. Ribeiro e Herbold (1986) apontam que com a chegada dos piratas e dos corsários, os quais tiveram as expedições financiadas por seus países, evidenciou o início das disputas pelo controle do Caribe. Posteriormente, colonos franceses, holandeses e ingleses chegaram com o objetivo de permanecerem nas ilhas.

Sustentando as informações apresentadas por Ribeiro e Herbold, Miriam Alice Muller (2016) afirma que a expansão britânica se consolidou com a colonização da Jamaica, em 1655, o que representou um momento decisivo para a expansão da hegemonia inglesa no Caribe. Assim, enquanto Ribeiro e Herbold (1986) enfatizam o processo de colonização do Caribe por diferentes potências europeias, representando o fim do monopólio espanhol na região, Muller (2016) ressalta como o Império Britânico fortaleceu sua autoridade ao transformar a Jamaica em colônia inglesa, intensificando as batalhas econômicas e políticas entre as nações europeias.

Desse modo, o crescimento do valor econômico do Caribe colaborou para o estabelecimento do domínio britânico. À medida que a presença europeia crescia nas ilhas, a região deixava de ser apenas uma rota de comércio para abastecimento, transformando-se em um centro comercial marítimo. Ribeiro e Herbold (1986) salientam que com o aumento das companhias de comércio e das plantações de açúcar, o Caribe assumiu um papel de importância na economia internacional. Nesse sentido, Jamaica e Barbados tornaram possível a expansão da hegemonia colonial inglesa, pois essas regiões foram pontos de grande produção açucareira.

Segundo Michelle Lemonius (2017), o interesse britânico estava associado à acumulação de riquezas por meio da produção açucareira, na exploração da mão de obra

africana e no colonialismo. Desse modo, o Império Britânico ansiava por reforçar as hierarquias de poder que asseguravam o funcionamento do sistema colonial, garantindo a subordinação dos povos colonizados e ampliando a exploração dos recursos econômicos nas colônias.

2.2 O sistema colonial, a escravidão e os impactos na sociedade caribenha

A consolidação da hegemonia britânica nas ilhas caribenhas esteve diretamente relacionada à expansão comercial das terras colonizadas. De acordo com Ribeiro e Herbold (1986), parte basilar da consolidação do imperialismo britânico reside na produção e exportação de açúcar, atividade que possibilitou a ascensão do sistema econômico europeu. Sucedendo o Brasil do século XVII, até então potência açucareira, o Caribe passou a ocupar o lugar de principal exportador de açúcar do mundo. Para corresponder à crescente demanda, as ex-colônias transitaram de um sistema de agricultura mais diversificado por outro voltado quase que exclusivamente para a monocultura de cana-de-açúcar, estruturado no sistema de plantation.

Diante desse cenário, o sistema de *plantation* contribuiu para transformações que extrapolaram a esfera econômica e repercutiram intensamente na organização social caribenha. O escritor B.W. Higman (2011), em *A Concise History of the Caribbean*, ressalta que, com o estabelecimento desse sistema, as diferentes formas de trabalho foram substituídas por uma força de trabalho predominantemente composta por africanos escravizados e seus descendentes. Essa dinâmica é corroborada por Ribeiro e Herbold (1986), que afirmam que as potências europeias, sobretudo a Inglaterra e a França, comercializavam produtos produzidos no Caribe, como o melaço e o açúcar, no continente africano, garantindo a aquisição mão de obra escravizada para a manutenção das *plantations*. Assim, o Caribe sofreu uma profunda transformação demográfica em razão da necessidade europeia de ampliar continuamente a exploração de seus recursos, visando ao acúmulo de capitais.

Sob essa perspectiva, no âmbito dos estudos caribenhos, argumenta-se que a escravidão estabelecida pelo colonialismo europeu produziu efeitos duradouros à população caribenha. Nesse contexto, Leandro Maceo (2015) evidencia:

> O chicote europeu ainda ensurdece os ouvidos do Caribe. As marcas desenhadas a golpes de dor e humilhação nas costas dos filhos dessa terra e das regiões africanas, não podem ser apagadas. Homens e mulheres indefesos, com a alma ultrajada, gente de quem arrebataram os nomes para convertê-los em escravos. (MACEO, 2015, s/p)

A reflexão do autor revela como a violência do sistema escravista ultrapassou a dimensão econômica e física, influenciando os aspectos culturais e identitários das pessoas caribenhas. Dessa forma, a escravidão comprometeu a construção identitária de diferentes regiões, que buscavam desenvolver distintas formas de resistência diante da dominação exercida, sobretudo, pelo Império Britânico. Essa perspectiva aproxima-se de Stuart Hall (2013), para quem a identidade é um constante processo de transformação, construído historicamente e sendo ininterruptamente ressignificado.

Portanto, embora a escravidão tenha sustentado o crescimento da economia açucareira, seus efeitos redefiniram a configuração social caribenha. Na coletânea *A Herança Africana no Brasil e no Caribe* (2011), Yeda Pessoa de Castro revela que, mesmo após a emancipação conquistada depois de séculos de resistência, permaneceram inúmeras consequências para as populações locais, nas marcas socioculturais e linguísticas deixadas pela imposição de tradições europeias e na constante necessidade de resgate de saberes afro-caribenhos. Logo, assim como o Brasil, o Caribe consolidou-se como um espaço pluricultural, cuja identidade continua sendo reconstruída a partir da coexistência de diferentes heranças culturais e históricas que transcendem os estereótipos impostos pela perspectiva europeia.

2.3 A construção das identidades caribenhas

A composição étnica do Caribe foi drasticamente afetada ao longo do período colonial, que contribuiu para uma miscigenação entre diferentes povos. Sob esse ponto de vista, consoante Muller (2016), o arquipélago já era habitado por povos indígenas como os Caribs, os Arauaks e os Tainos.

Diante desse cenário, com a consolidação desse modo de dominação europeia, as populações indígenas sofreram uma drástica redução demográfica. Nesse contexto de colapso populacional e da subsequente ascensão da economia açucareira, segundo Higman (2011), o Caribe passou por uma profunda transformação na composição demográfica das ilhas no século XVII. Assim, foi necessária uma substituição do trabalho nativo pelo tráfico transatlântico de escravizados, o que resultou na chegada contínua de africanos às colônias caribenhas. Como a produção açucareira demandava de uma profunda exploração de mão de obra, as condições laborais eram precárias, ocasionando em elevados índices de mortalidades entre os colonizados.

Consequentemente, o fluxo de africanos cresceu ao longo dos séculos, com a população no Caribe crescendo aproximadamente de 100.000 habitantes em 1600, para 1.4 milhões de habitantes em 1770, tendo a Jamaica e São Domingos como as colônias mais densamente populosas (HIGMAN, 2011). Em decorrência disso, o perfil demográfico alterou-se permanentemente. Conforme aponta Higman (2011), apesar de o século XVIII ter sido marcado por uma maioria de escravizados nascidos na África, as delimitações ao tráfico no século XIX aumentaram o crescimento da sociedade "crioula" (nascida na região). Esse contingente populacional constituiu a maior parcela da região, criando uma resistência ativa e intensa, por meio de uma forte formação social, cultural e linguística das ilhas.

Sob esse viés, a identidade caribenha foi construída por meio das interações culturais entre diferentes grupos étnicos. De acordo com Stuart Hall (2013), a construção identitária do Caribe resulta do entrelaçamento histórico e cultural de diferentes povos, não podendo ser dissociada das influências oriundas desses diversos elementos culturais. Ademais, os pesquisadores Simone Rodrigues Pinto e Aristinete Bernardes (2017), ao discutirem a teoria de Édouard Glissant, explicam que a crioulização constitui um processo contínuo de transformação, no qual o contato entre diferentes culturas produz formas culturais novas e imprevisíveis. Dessa forma, os habitantes das ilhas não podem ser definidos por uma única ascendência étnica, mas pela combinação de múltiplas heranças culturais, distinguindo-se pela pluralidade cultural e pelo constante processo de ressignificação de suas referências identitárias, aspecto amplamente evidenciado na literatura pós-colonial caribenha.

2.4 As mulheres no âmbito colonial

As mulheres afro-caribenhas tiveram suas vidas impactadas e modificadas pela colonização europeia. Nessa perspectiva, elas foram submetidas a diversas formas de opressão e violência, em virtude do racismo, do patriarcado e da exploração econômica. No livro *Mulheres, Raça e Classe,* Angela Davis (2016) detalha como as mulheres negras sofreram explorações tanto de raça quanto de gênero, revelando como as noções de gênero europeias foram subvertidas em detrimento do colonialismo.

> Já que as mulheres eram vistas, não menos do que os homens, como unidades de trabalho lucrativas, para os proprietários de escravos elas poderiam ser desprovidas de gênero. Nas palavras de um acadêmico, "a mulher escrava era, antes de tudo, uma trabalhadora em tempo integral para seu proprietário, e apenas ocasionalmente esposa, mãe e dona de casa. (DAVIS, 2016, p. 17)

A sociedade colonial caribenha era marcada por uma hierarquia racial e social rígida, principalmente em relação às diferentes experiências econômicas e étnicas das mulheres. Para Carla Akotirene (2018), embora as mulheres do período colonial fossem marginalizadas e silenciadas em razão do sistema patriarcal em comum, suas experiências de vida não eram homogêneas, visto que eram atravessadas pela interseccionalidade de questões de raça, classe e gênero. As reflexões da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) sustentam a perspectiva de Akotirene (2018) ao apresentar que os homens brancos possuem uma posição privilegiada em relação às mulheres, principalmente às mulheres negras e afrodescendentes. Em consequência disso, mesmo que o Caribe seja um ponto de encontro de diferentes culturas e raças, as mulheres negras encontravam-se em maior vulnerabilidade por causa da hegemonia universalizante europeia.

Desse modo, as mulheres negras escravizadas não eram reconhecidas como "mulheres" no sentido de valores europeus, sendo desumanizadas e reduzidas à condição de força de trabalho e de fêmeas reprodutoras quando isso atendia aos interesses dos colonizadores. Nesse cenário, Davis (2018) debate sobre como elas eram vistas como unidades de trabalho lucrativas como os homens, sendo enviadas às lavouras de produção açucareira durante horas exaustivas. Essa exploração estava diretamente conectada com o sistema de plantation que dependia de mão de obra escravizada, o que revela uma vulnerabilidade intensa das diferentes formas de dominação coloniais.

Segundo a teórica decolonial Maria Lugones (2008), somente as mulheres burguesas brancas eram tratadas como mulheres; aquelas que eram marginalizadas eram portadas como animais, seres sem característica do gênero feminino, mas definidas sexualmente como fêmeas. Sob esse ponto de vista, as mulheres caribenhas eram separadas categoricamente do conceito de "mulher" quando era lucrativo para o sistema econômico europeu; todavia, quando eram violentadas ou utilizadas como meras ferramentas "reprodutoras", poderiam ser consideradas como fêmeas.

Por conseguinte, o corpo da mulher negra caribenha foi utilizado pelo colonialismo como uma forma de dominação. Lélia Gonzalez (2020) denuncia como a hegemonia colonial moldou a imagem das mulheres colonizadas como meros objetos de exploração e prazer. Em consonância com essa perspectiva, Davis (2016) debate como o estupro colonial era "uma expressão ostensiva do domínio econômico do proprietário e do controle do feitor sobre as mulheres negras na condição de trabalhadoras." Sob essa ótica, a exploração sexual servia como uma arma de dominação, terrorismo político e repressão com o intuito de desmotivar o

desejo de resistência feminino, transformando os corpos de mulheres caribenhas em propriedades e mercadorias.

No entanto, Gonzales (2020) destaca que a amefricanidade existe para mostrar como a experiência histórica tanto de resistência quanto de violência une diferentes mulheres. Nesse viés, as mulheres caribenhas assumiram papéis importantes nas diferentes fontes de resistência contra a dominação caribenha. A esse respeito, a supracitada CEPAL ressalta que a identidade das mulheres do Caribe marca um processo não apenas de exclusão, mas também de dignidade e liberdade ao povo afrodescendente. Logo, é possível compreender que a interseccionalidade de perspectivas europeias e a exploração econômica e sexual dos corpos possibilitou uma identidade feminina única que desafia as estruturas de poder coloniais, seja por meio das heranças culturais e sociais afro-caribenhas ou da união entre as diferentes experiências das mulheres escravizadas.

CAPÍTULO 3 – JEAN RHYS ATUANDO CONTRA O SILENCIAMENTO NO ROMANCE WIDE SARGASSO SEA

3.1 A biografia e a obra de Jean Rhys

O Caribe foi construído a partir de diversas vozes e sujeitos, em que as identidades estavam em um fluxo de constante transformação, marcado por encontros, choques e sobreposições socioculturais. Nessa perspectiva, para muitos caribenhos, a sensação ambivalente de pertencimento e não pertencimento manifesta-se com recorrência, principalmente para aqueles que transitam entre diferentes heranças e espaços culturais, criando identidades fragmentadas, múltiplas e em constante transformação (HALL, 2013). Dessa forma, Jean Rhys, mulher crioula nascida na ilha caribenha e ex-colônia Dominica, em 24 de agosto de 1890, vivenciou de perto o sentimento de não se identificar ou pertencer de perto, sobretudo ao migrar para a Inglaterra em 1907, aos 17 anos de idade.

Na perspectiva de Ana Paula Barbosa (2024), apesar de ter retornado ao Caribe apenas uma única vez na vida, Rhys enfrentou um grande deslocamento por parte da cultura inglesa, já que não se identificava com o local. Nesse contexto, a autora, nascida como Ella Gwendoline Rees Williams, adotou diversos pseudônimos (Ella Gray, Ella Lenglet, Jean Rhys) ao longo da carreira, o que refletiu sua identidade fluida e instável devido ao choque cultural e preconceito em relação aos imigrantes. Assim, após um longo período tentando estabelecer-se na Inglaterra, Rhys acaba indo tentar uma carreira na França, em razão da afinidade com a língua e a cultura de sua terra natal, iniciando de fato sua carreira na literatura em 1927 com a coletânea de contos, *The Left Bank.*

Entretanto, apesar de os primeiros contos terem ganhado visibilidade no âmbito literário, a escritora não obteve o devido reconhecimento, como outros escritores tiveram com o espaço inovador e criativo da França, sendo esquecida por muitos anos. Segundo Ana Paula Barbosa (2024, p. 18), “Jean Rhys é apontada ao longo dos estudos sobre a sua obra como uma escritora difícil de categorizar.” Devido a sua identidade pluralizada e dos diferentes temas que ela escrevia, Rhys era considerada parte de um “cânone marginal” que atravessa o modernismo, o pós-colonialismo e o feminismo, o que a fez perpassar um momento solitário

em sua carreira, ao escrever sobre mulheres que enfrentam uma marginalização isolamento sociais.

Diante do exposto, Jean Rhys desapareceu por mais de duas décadas, retornando com a sua aclamada obra, *Wide Sargasso Sea* (1966). A novela explora temáticas como problemáticas de gênero, hibridização e a relação entre o colonizado e o colonizador por meio da reescrita do clássico *Jane Eyre* (1847), da autora inglesa Charlotte Brontë, dando voz à personagem Bertha Mason (Antoinette). Embora Rhys tenha sido considerada uma escritora marginalizada, seu trabalho foi de extrema importância não somente para as teorias pós-coloniais e feministas, mas também para trazer a história de personagens que foram invisibilizadas e estereotipadas a partir de suas identidades fluidas.

3.2 O desenvolvimento do enredo diante do olhar feminino

Conforme mencionado, *Wide Sargasso Sea* (1966) é um livro baseado no romance *Jane Eyre* de Charlotte Brontë, o qual narra acontecimentos anteriores aos eventos principais do clássico de Brontë, trazendo uma versão dos fatos a partir da perspectiva de Antoinette Cosway (Bertha Mason), uma jovem crioula branca. A história foi dividida em três partes, com uma multiplicidade de vozes narrativas. A primeira parte, conduzida pela voz de Antoinette, apresenta a infância da protagonista, a segunda é narrada pelo marido durante o início do casamento, que apesar de não ter o nome mencionado ao longo da novela, sabe-se por *Jane Eyre* que é o Mr. Rochester e a última parte traz a visão de Antoinette alternada por Grace Poole, também presente no romance vitoriano.

Na primeira parte do romance, a personagem narra uma infância traumática marcada pelo fim do Ato de Emancipação Inglês de 1833, que aboliu a escravidão na maioria das colônias do Império Britânico. Logo, percebe-se um momento crítico na Jamaica, por meio do enredo, com tensões raciais, isolamento social e decadência econômica na casa de infância de Antoinette, Coulibri. Diante disso, após a morte do pai, Antoinette vive com a mãe Annette, o irmão, Pierre, e Christophine, ex-escravizada que cuida da menina como uma segunda mãe, formando um ambiente majoritariamente feminino, no qual se entrelaçam distintas posições raciais, culturais e sociais.

Annette, como forma de enfrentar o sentimento de não pertencimento à sociedade e às pressões coloniais, enquanto crioula branca, decide casar-se novamente com um homem inglês, Sr. Mason, para tentar restabelecer o status da família e tentar sobreviver por meio do poder dominante. Mas após a propriedade Coulibri ser incendiada por ex-escravos e Pierre vir

a falecer, Annette passa a ser considerada como louca e é institucionalizada, tendo sua existência apagada.

A segunda e maior parte do livro é narrada pelo marido de Antoinette, o que permite o leitor acompanhar a narrativa sob o ponto de vista de Rochester, que se inicia a partir da ida à propriedade de Granbois, que pertencia a Annette, para a lua de mel. No início tudo parece bem, mas ao receber uma carta de Daniel Cosway, conhecido da família de Antoinette, o marido descobre sobre a condição mental da mãe da protagonista, o que o faz rejeitar a esposa, duvidando de sua sanidade e tentando apagar sua identidade, já que acredita que a loucura pode ser de família. Logo, ele a trai com uma empregada de Coulibri e a isola do mundo, levando a jovem para a Inglaterra.

Na terceira parte, Antoinette começa descrevendo, em um breve momento de lucidez, um espaço o qual não reconhece, um local escuro e frio, o que é diferente de sua terra natal, por ser marcada pelo calor e natureza exuberante. Nesse momento, *Wide Sargasso Sea* conecta-se com o romance vitoriano *Jane Eyre*, ao revisitar a ideia da mulher louca no sótão, que na verdade foi submetida a um apagamento identitário e vivenciou a violência colonial. Contudo, apesar do afastamento com o seu país, Antoinette mantém sua conexão com o Caribe por meio de sonhos, memórias e sensações do calor, da natureza e perfumes marcantes, o que é evidenciado no excerto: “O perfume que veio do vestido foi muito fraco, a princípio, depois ficou mais forte. Perfume de vetiver e jasmim, de canela e terra e limeiras em flor. O perfume do sol e o perfume da chuva.” (RHYS, 2012, p. 133). Ao final da narrativa, Antoinette incendeia a propriedade onde fora confinada, estabelecendo a conexão direta com *Jane Eyre*.

3.3 A construção identitária de Antoinette

Conforme Stuart Hall (1996, p. 75), “identidades de diáspora são as que estão constantemente produzindo-se e reproduzindo-se novas, através da transformação e da diferença.” Diante do exposto, não se pode falar da identidade caribenha sem considerar o processo de diáspora, visto que ela se constitui por meio de deslocamentos simbólicos, culturais e históricos. Existem muitas ilhas no Caribe e cada uma foi influenciada por contextos diaspóricos de origens distintas, o que resultou em construções culturais diversificadas. Contudo, estas ilhas compartilham um mesmo cenário histórico violento de colonização e escravidão, que deu origem a uma sociedade colonial marcada por hierarquias

raciais e culturais. Nesse contexto, a identidade caribenha caracteriza-se pela multiplicidade de diferentes experiências, não pertencendo a apenas a uma única individualidade, mas sendo constantemente permeada por disputas de poder e, assim transformando-se de maneira contínua.

Um ponto crucial na narrativa de *Wide Sargasso Sea* é a construção identitária de Antoinette. Nesse sentido, a personagem principal sente que não pertence nem à cultura europeia nem à afro-caribenha, demonstrando sua individualidade justamente a partir da fragmentação entre línguas, memórias, histórias e religiões, o que representa uma identidade marcada pela instabilidade e o entre-lugar. Assim, sua subjetividade não se constrói por meio de uma essência fixa, mas da tensão constante entre diferentes matrizes culturais, demonstrando tanto a complexidade da identidade caribenha quanto os confrontos do contexto colonial.

Em contraste, o ambiente de Granbois ocupa um lugar central na construção da identidade de Antoinette: a personagem possui conexões muito fortes com o local, em virtude do contato com a natureza caribenha tropical e das lembranças das memórias felizes do período da infância. Esse mesmo vínculo contribui para o distanciamento entre o casal, visto que quando o marido é invadido pelos encantos do lugar, ocorre um choque de realidade, que intensifica seu desconforto, percepção que se torna evidente no trecho:

> Tudo é demais, eu senti enquanto cavalgava cansadamente atrás dela. Azul demais, roxo demais, verde demais. As flores vermelhas demais, as montanhas altas demais, as colinas próximas demais. E a mulher é uma estranha. (RHYS, 2012, p. 47).

Assim, a natureza que conecta Antoinette com suas raízes caribenhas, intensifica o desconforto de Rochester, levando-o a considerar a natureza ameaçadora ao projetar a cultura e as crenças inglesas no âmbito caribenho.

Além disso, a presença de Chistophine, por quem Antoinette nutre tanto afeto, durante a lua de mel, contribui para a manutenção da identidade caribenha da protagonista. Christophine expressa falas críticas aos colonizadores por meio de sua postura firme, encarnando uma sabedoria vinculada às práticas afro-caribenhas como uma representação de resistência do povo caribenho, como se observa no trecho: “Ela é uma moça crioula, e tem o sol nela.” (RHYS, 2012, p. 114). Ela representa uma sensação de pertencimento para Antoinette, ao reforçar seu vínculo com a cultura caribenha e ao demonstrar uma alternativa de vida para a jovem, distinta daquela vivenciada pela mãe. Todavia, Antoinette é gradativamente subjugada pelo poder do marido, que a silencia e lhe impõe uma nova

identidade – exemplificada no momento que ele a nomeia como Bertha – isolando-a de tudo o aquilo que ela conhece como mundo, ao regressarem para Spanish Town.

No romance de *Wide Sargasso Sea,* de Jean Rhys*,* Antoinette representa uma nação cuja identidade múltipla é desenvolvida a partir de diferentes influências culturais, mas que, ao mesmo tempo, é silenciada pelas demandas sociais europeias, que impõem a própria cultura sobre o Caribe. Sob essa perspectiva, a narrativa evidencia como a identidade caribenha, embora marcada por um apagamento histórico, resiste por meio do pertencimento territorial – na conexão com a natureza, a paisagem e o clima - e das tradições locais que preservam elementos culturais, como a religião, a linguagem e as crenças. Consoante Barbosa (2024, p. 97) "Aquele território integra parte de sua existência de mulher caribenha e compõe suas memórias mais felizes da infância; ...". Portanto, Jean Rhys revela como a identidade caribenha, sendo plural e complexa, constitui uma imagem de resistência diante da dominação colonial, perpetuando vínculos territoriais e culturais que escapam à narrativa do colonizador.

3.4 A reeleitura como uma ressignificação

O livro *Jane Eyre* é considerado um grande avanço para o feminismo, por ter sido escrito e protagonizado por uma mulher com ideais avançados para a época vitoriana. Todavia, a obra atinge apenas uma porção privilegiada de leitoras - mulheres brancas, europeias e de classe média - desconsiderando fatores socioeconômicos e de raça/etnia. Essa limitação converge para a crítica do feminismo decolonial de Silvia Rivera Cusicanqui (2021), na qual ela denuncia como os discursos universalizantes tendem a ignorar as especificidades identitárias da América Latina e do Caribe. Logo, alinhada às reflexões de Cusicanqui (2021), ao retratar Bertha Mason, a escritora, Charlotte Bronte, traz uma visão desumanizada da personagem, evidenciando as limitações do feminismo liberal da época que universalizava a comunidade feminina e reforçava estereótipos coloniais.

Contudo, em *Wide Sargasso Sea*, Jean Rhys utiliza da estratégia da releitura como uma forma de contar o outro lado da história - das mulheres marginalizadas e isoladas da sociedade. Naomi Scheman (1995) expõe como o conhecimento se torna mais robusto e crítico quando é produzido com a participação de vozes diversas. Portanto, a partir da perspectiva de Antoinette e de todas as mulheres na história, Rhys questiona o cânone literário ao trazer a versão dos fatos das mulheres que foram silenciadas no contexto colonial e patriarcal, reivindicando a identidade caribenha feminina e criticando a imagem limitada atribuída a elas, de loucas, selvagens e estranhas.

CAPÍTULO 4 –AS NARRATIVAS FEMININAS NO ROMANCE

4.1 A composição narrativa de Antoinette

Jean Rhys chama a atenção para o fato de que a emancipação do escravizados não extinguiu as desigualdades estruturais e as tensões raciais instituídas ao longo do período colonial. Conforme Muller (2016, p. 22) a obra *Wide Sargasso Sea* apresenta que a compensação financeira destinada aos ex-escravizados e aos proprietários de plantações, garantida pelo governo britânico, não chegou efetivamente a nenhuma das duas comunidades, causando uma miséria generalizada e ampliando a instabilidade social na ilha. Essa realidade é retratada na carta de Daniel Cosway, endereçada ao marido da protagonista, na qual o personagem descreve os impactos da abolição nesse contexto instável:

> Então veio o glorioso Ato de Emancipação, que trouxe encrenca para alguns dos ricos e poderosos. Ninguém se dispunha a trabalhar para a jovem mulher e seus dois filhos, e aquele lugar, Coulibri, ficou logo tomado pelo mato, como ficam todas as propriedades aqui quando ninguém cultiva a terra. Ela não tinha dinheiro nem amigos, pois os franceses e os ingleses são como cão e gato nesta ilha desde tempos muito remotos. Ferem, matam, tudo. (RHYS, 2012, p. 68)

Esse contexto de instabilidade é também é refletido na formação cultural e identitária da personagem. Na obra *Wide Sargasso Sea*, a escritora Jean Rhys reforça como a cultura caribenha é constantemente reconstruída a fim de que os caribenhos resistam e sobrevivam às dores e às violências coloniais. Essa reflexão dialoga com o conceito de identidade apresentado por Stuart Hall (2013), pois a identidade é um processo de construção constante resultante das influências culturais e sociais que vinculam um sujeito. Assim, a pesquisadora Viviane Freitas (2018) destaca que o arquipélago caribenho apresenta uma fluidez multicultural que se expande e transcende os limites geográficos do próprio Mar de Sargaços, o que pode ser visto no prefácio do livro de Rhys, em que a pesquisadora Carla Pontilho (2012) aponta a dificuldade de "navegação" em virtude do choque cultural entre povos.

> Trata-se de uma região polvilhada de belas ilhas, dentre as quais está a Jamaica, escolhida pela escritora antilhana Jean Rhys como cenário para o seu romance Vasto mar de Sargaços, publicado originalmente em 1966, após uma longa ausência da

> cena literária, no qual a autora aborda outra grande dificuldade de "navegação": o choque entre a cultura do Império Britânico, em seu auge como potência colonizadora no século XIX, e a cultura local, dos povos submetidos à colonização." (PONTILHO, 2012, p. 4)

Sob essa perspectiva, a personagem Antoinette, como mulher crioula, representa algumas das tensões identitárias da cultura caribenha por esse panorama histórico-cultural. A teoria de Bhabha (2013) acerca do "entre-lugar" e do "hibridismo cultural" contribui para compreender a relação de Antoinettte com sua identidade. A identidade da personagem é constituída pelo encontro da realidade caribenha e da herança europeia, que é marcada por tensões e ambiguidades, em virtude dessa complexidade. Por meio de sua voz narrativa, a personagem apresenta as transformações culturais ocorridas pela intersecção histórica entre nações, revelando os impactos do colonialismo na construção da identidade caribenha.

Assim, apesar de possuir uma bagagem cultural pluralizada, Antoinette, como mulher crioula branca, não possui o sentimento de pertencimento em relação à população negra, nem à população europeia, o que evidencia um conflito identitário. Essa concepção pode ser vista no excerto a seguir, em que Antoinette sintetiza a dor de não se adequar a nenhuma identidade. "Era uma canção sobre uma barata branca. Sou eu. É assim que eles chamam a todos nós que estávamos aqui antes do povo deles vendê-los para os mercadores de escravos. E eu ouvi mulheres inglesas nos chamarem de negros brancos. Então muitas vezes me perguntei quem eu sou e onde é o meu país e a que lugar eu pertenço e por que eu nasci." (RHYS, 2012, p. 73). Ela demonstra como não é aceita na sociedade colonial, nem pelos brancos ou pelos negros, o que causa essa angústia e esse deslocamento em relação a própria identidade.

Por conseguinte, ao analisar *Wide Sargasso Sea,* percebe-se que a obra revela a forma que a subjetividade de Antoinette é intensificada, quando ela se depara fora do Caribe, trancada no sótão na Inglaterra, com as memórias da terra natal e a desconexão com a nova cultura em: "Eles me dizem que estou na Inglaterra, mas eu não acredito neles. Nós nos perdemos a caminho da Inglaterra. Quando? Onde? Eu não me lembro, mas nós nos perdemos." (RHYS, 2012, p. 130). Essa representação conecta-se com os conceitos de identidade de Hall (2013), em que a identidade contínua sendo construída, mesmo que seja pela memória e pelo pertencimento cultural. Logo, é possível notar que a personagem expressa o modo que a sua essência permaneceu e se perdeu no Caribe, revelando a força da identidade caribenha no deslocamento diaspórico.

Diante dessas considerações, a análise da identidade de Antoinette, a respeito das ideias de diáspora e hibridismo cultural debatidas por Hall e Bhabha contribuem para

compreender como o colonialismo afetou o processo de construção da identidade caribenha. As perspectivas de hibridismo cultural, diáspora e entre-lugar alinham-se às temáticas de identidade e cultura exploradas na construção da complexidade dos personagens caribenhos, além de destacarem como o Império Britânico modificou aquela sociedade. Dessa forma, esses conceitos favorecem uma compreensão mais ampla das dinâmicas culturais e identitárias expressas na obra.

4.2 Influência da escrita masculina colonizadora

Ao longo do romance, percebe-se que 60,14% do livro é narrado por um homem branco europeu. Ao adotar essa perspectiva, Jean Rhys tomou uma decisão arriscada para uma releitura, mas essa estratégia possibilita trazer uma densidade crítica à narrativa vitoriana de Charlotte Brontë, *Jane Eyre,* pois o colonizador consegue validar sua versão dos fatos, mas de uma forma que revele a violência colonial. De acordo com Viviane Freitas (2017, p. 142), "o seu sentimento de superioridade cultural e linguística determina a atitude imperialista assumida por Rochester de projetar os seus valores e crenças sobre o mundo caribenho [...]." Nessa perspectiva, ao assumir a voz narrativa, o marido distorce a realidade caribenha ao constituir uma visão preconceituosa, projetando e impondo os valores e crenças europeias, o que reflete a visão de Edward Said (2013), acerca de como as narrativas imperiais reproduzem um discurso de inferiorização de sujeitos e espaços colonizados. Nesse viés, Jean Rhys possibilita que o homem europeu fale, como uma forma de mostrar a perspectiva do colonizador, que anseia por apagar uma subjetividade que lhe é estranha, por meio do poder de controlar.

Consequentemente, Mr. Rochester tem dificuldade em conviver com o mundo caribenho, assim como com Antoinette, o que pode ser observado em "era tudo muito colorido, muito estranho, mas não significava nada para mim. E nem ela, a moça com quem eu ia me casar." (RHYS, 2012, p. 52). Ele reduz o espaço e a protagonista a partir de uma visão eurocêntrica, a fim de legitimar a suposta superioridade do colonizador, caracterizando-os como incompreensíveis e exóticos. Nesse viés, Antoinette tem a identidade progressivamente apagada, sendo interpretada como louca, exótica e irracional, o que revela como o discurso colonial traz uma visão deturpada acerca da mulher crioula. Logo, embora Mr. Rochester esteja inserido nas imposições do sistema do patriarcado, ele reproduz as estruturas coloniais e patriarcais, exercendo poder sobre Antoinette.

Além disso, a protagonista é silenciada, tendo sua história reescrita por outra pessoa ao ser renomeada Bertha, como uma forma de reforçar o domínio colonial, já que o marido constrói a imagem de uma mulher que, por meio do nome, poderia ser manipulada e inserida nos padrões europeus. Isso é perceptível no trecho "porque é um nome que eu gosto muito. Eu penso em você como Bertha" (RHYS, 2012, p. 97). Dessa forma, *Wide Sargasso Sea* demonstra como o poder de narrar um dos lados da história pode legitimar a forma que o outro é visto, ao mesmo tempo em que problematiza as violências simbólicas e os estereótipos produzidos pelo olhar do colonizador, que inviabilizam figuras caribenhas femininas.

Logo, ao longo da trajetória narrativa de Antoinette, percebe-se que apesar de o marido contar a perspectiva de colonizador durante grande parte da história, as personagens femininas, como Antoinette e Cristophine, conseguem criticar o sistema imperialista, visto que Rochester aparece como um sujeito deslocado. Nessa perspectiva, durante a lua de mel, Antoinette começa como uma estranha para o marido e, no fim, ele a considera uma louca por não atender aos padrões europeus impostos na época e se sente estranho na ilha. Jean Rhys dialoga novamente com as ideias de Said (2013) ao questionar o cânone inglês, recuperando as vozes dessas mulheres marginalizadas. Entretanto, a jovem que não se identifica com nenhuma identidade e tenta encaixar-se na sociedade por meio do casamento, acaba reconquistando a subjetividade caribenha, ao adquirir consciência de sua condição como subjugada, tentando libertar-se do exílio. Isso fica evidente na passagem "agora, finalmente, eu sabia por que tinham me trazido para cá e o que eu tinha que fazer" (RHYS, 2012, p. 137), a qual mostra uma crítica direta à *Jane Eyre* e apresentação de Bertha Mason.

Christophine é outra personagem que foge do papel imposto à mulher pela sociedade e se configura como uma figura transgressora, ao repreender a opressão colonialista e trazer uma voz mais diversificada para o feminismo. Conforme Conceição Evaristo (2007, p. 21) "a nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande', e sim para incomodá-los em seus sonos injustos." Sob essa perspectiva, Christophine surge como uma figura que possui uma percepção decolonial, a qual, além de recusar a submissão que lhe é imposta, mobiliza crenças e tradições caribenhas como forma de desestruturar o colonialismo: "veja só, uma moça branca e rica como você, e mais boba que o resto. Um homem não trata você bem, levanta a barra da saia e vai embora. Faz isso e ele vai atrás de você." (RHYS, p. 78). Outrossim, ela critica o modo que a opressão colonial subjuga, de forma distinta, mulheres que não compartilham a mesma "escrevivência".

Bell Hooks (1981) argumenta que a experiências das mulheres negras não podem ser atribuídas de uma forma universalizante, visto que se deve considerar as categorias de raça, classe e gênero para compreender as diferentes opressões. Christophine, então, evidencia como a resistência ao patriarcalismo e ao colonialismo apresenta-se de forma distinta para diferentes mulheres.

4.3 A ressignificação de Jane Eyre em Wide Sargasso Sea

No contexto de revisão do cânone literário preestabelecido, surgiram diversos textos bibliográficos que propõem um diálogo intertextual com *Jane Eyre*, revisitando a narrativa e questionando, de forma crítica, as representações literárias do contexto colonial a partir da análise do livro *Wide Sargasso Sea*. Nesse sentido, todas as produções escritas examinadas anteriormente, trazem uma nova perspectiva para a obra original de Charlotte Brontë, ao avaliarem em que medida o romance pós-colonial de Jean Rhys oferece uma resposta às lacunas não preenchidas na história de Bertha Mason, "a louca do sótão", além de dar voz para personagens que foram inviabilizadas ao longo da colonização, como Christophine.

Diante do exposto, de acordo com Silva e Jardim (2023, p 287) "Rhys chama a atenção para a visão estereotipada sobre 'o outro' cultural, assim como valores e preconceitos que dominavam na sociedade vitoriana retratada em Jane Eyre." Quanto a isso, ao retomar o enredo de Charlotte Brontë sob a abordagem de Jean Rhys em *Wide Sargasso Sea,* percebe-se que há uma busca pela desconstrução de figuras atravessadas pelo olhar colonial, evidenciando a presença de mulheres marginalizadas e silenciadas que revelam dimensões e saberes historicamente ocultados acerca da colonização. Portanto, a releitura narrada por Rhys não apenas problematiza a omissão de vozes mais diversificadas, mas também reinventa a história de Bertha Mason – agora Antoinette – enfatizando a complexidade da identidade caribenha, os vínculos territoriais e as tensões com os estereótipos coloniais. Além disso, a história oferece uma representação de resistência por meio de Christophine, especialmente pelas tradições e crenças caribenhas que ela mobiliza.

Os textos bibliográficos lidos indicam como o papel de narrador de Mr. Rochester, possibilita que o homem branco europeu colonizador seja deslocado da posição de sujeito dominante que ele possui em *Jane Eyre.* Conforme Freitas (2017, p. 153) "[...] o espírito do lugar e da própria esposa possuem a chave de acesso para uma linguagem enigmática que lhe escapa, e principalmente que o impede de exercer o seu domínio plenamente[...]". Dessa forma, se na obra de Charlotte Brontë, ele se configura como uma figura central na obra, em

Wide Sargasso Sea, de *Jean Rhys,* Rochester é deslocado e incapaz de se identificar com o espaço ou com a cultura, o que mostra a desestabilização de sua autoridade colonial.

Ademais, ao invés de validar o lado do colonizador ao longo da narrativa, a obra exibe as dinâmicas de poder do colonialismo ao demonstrar uma tentativa falha de exercer controle sobre o sujeito colonizado. O trecho a seguir evidencia isso: "— Não ria desse jeito, Bertha. — Meu nome não é Bertha; por que você me chama de Bertha?" (RHYS, p. 97). Logo, ao tentar renomear Antoinette como uma maneira de negar a identidade da esposa e reafirmar a autoridade colonial, o narrador revela a fragilidade da posição do colonizador, constantemente questionada e tensionada pelos personagens caribenhos no livro de Rhys.

Portanto, a bibliografia selecionada sobre *Wide Sargasso Sea* dialoga diretamente com *Jane Eyre* ao propor uma nova percepção da narrativa: enquanto a obra de Charlotte Brontë privilegia uma trajetória orientada por uma perspectiva universalizante – centrada em mulheres brancas e europeias e limitadas pelos valores vitorianos – a versão de Jean Rhys evidencia a resiliência e a resistência da comunidade feminina por meio de uma pluralidade de vozes. Desse modo, personagens como Annette, Christophine e Antoinette podem ser compreendidas como uma força coletiva que tensiona as estruturas impostas pelo colonialismo e o patriarcado, mobilizando afetos, tradições culturais e práticas de enfrentamento compartilhadas.

Sob essa perspectiva, consoante Pinto (2017, p. 116), "esses silêncios, entretanto, não impedem que elas transgridam seus papéis e subjuguem o patriarcado e o imperialismo como instâncias sociais opressoras." Assim, ao contrário de *Jane Eyre, Wide Sargasso Sea* dá voz a vozes femininas marginalizadas e racializadas, a fim de contestar e criticar o poder colonial como estratégia de enfrentamento das opressões de gênero e raça. A união entre mulheres, ainda que de forma simbólica, intensifica a ação coletiva de tensionamento dessas estruturas de poder e, na escrita de Rhys, Antoinette encontra a liberdade ao rememorar as mulheres que a acompanharam no decorrer de sua trajetória identitária

4.4 O encontro das narrativas femininas contra o silenciamento

Desde o início do romance, percebe-se que há um entrelaçamento entre as diferentes narrativas femininas de Antoinette, Annette e Christophine como forma de desafiar o discurso dominante patriarcal colonial. Edward Said (2011) analisa como a literatura europeia legitima e constrói a hegemonia imperial, mediante a marginalização de povos colonizados. No entanto, Jean Rhys contrapõe essa lógica ao desafiar o cânone inglês e dar visibilidade a um

grupo historicamente silenciado e segregado, por meio de uma pluralidade de sujeitos. Embora nem todas as personagens estejam presentes em todos os capítulos, todas elas conquistam voz narrativa e evidenciam não apenas as diferenças sociais, culturais e raciais que atravessam suas experiências femininas, como também os pontos de convergência entre seus percursos marcados pelo deslocamento, pela marginalização e pela resistência.

Em *Wide Sargasso Sea*, Jean Rhys rompe com a ideia de que todas as vivências femininas são únicas. Angela Davis (2018) e Lélia Gonzales (2020) articulam em suas pesquisas como as mulheres marginalizadas enfrentam diferentes opressões, já que elas têm suas vidas atravessadas por categorias de raça, classe e gênero, o que completa a concepção de interseccionalidade apresentada por Kimberlé Crenshaw (2013). A própria personagem Christophine apresenta como Antoinette é privilegiada por ser uma mulher crioula. “Veja só, uma moça branca e rica como você, e mais boba que o resto. Um homem não trata você bem, levanta a barra da saia e vai embora. Faz isso e ele vai atrás de você.” (RHYS, 2012, p. 9). Nesse sentido, as mulheres caribenhas do romance revelam vulnerabilidades distintas ao longo de suas trajetórias, em razão de suas posições sociais ou origens.

Entretanto, mesmo que elas tenham suas diferenças, as narrativas de cada uma influenciam a de outra, durante todo o livro, principalmente na composição identitária de Antoinette. Annette permeia toda a narrativa de Antoinette com a herança europeia que ambas possuem, mostrando que elas têm suas vivências alteradas pelos estereótipos britânicos impostos. Para Stuart Hall (2013), a identidade é um processo de transformação constante influenciado por valores culturais e históricos. Annette, como vítima do sistema colonial, representa a forma que Antoinette enxerga a própria identidade, ao tentar se encaixar nos valores culturais estabelecidos.

> Então veio aquele dia em que ela viu que eu estava crescendo como uma negra branca e ficou com vergonha de mim, foi depois desse dia que tudo mudou. Sim, a culpa foi minha, foi por minha culpa que ela começou a planejar e a trabalhar freneticamente, numa febre para mudar nossas vidas. Aí as pessoas começaram a nos visitar de novo e, embora eu as odiasse e tivesse medo dos seus olhos frios e debochados, aprendi a ocultar isto. (RHYS, 2012, p. 95)

No livro, compreende-se que tanto mãe quanto filha possuem um desejo de aceitação para terem o sentimento de pertencimento e estabilidade em virtude de suas identidades híbridas, o que é demonstrado no casamento de Annette com Mr. Mason e no casamento de Antoinette com Mr. Rochester. Antoinette reconhece de forma profunda essa ilusão de aceitação na trajetória de ambas ao desabafar com o marido.

> Durante cinco anos. Falando parece pouco, mas é muito para se viver. E sozinha. Ela ficou tão sozinha que se afastou das outras pessoas, isso acontece. Aconteceu comigo também, mas foi mais fácil para mim porque eu mal me lembrava de um tempo diferente. Para ela, foi estranho e assustador. E ela era tão bonita. Eu costumava pensar que toda vez que se olhava no espelho ela devia ter esperança e fingir. Eu também fingia. Coisas diferentes, é claro. Você consegue passar muito tempo fingindo, mas um dia tudo desmorona e você está sozinha. (RHYS, 2012, p. 93-94)

Todavia, elas nunca são plenamente aceitas em virtude da condição crioula de ambas. Segundo o conceito de Bhabha (2013), as personagens ocupam um "entre-lugar", já que elas apresentam uma ambiguidade de serem brancas, mas serem excluídas pela elite inglesa. As narrativas delas entrelaçam-se a partir dessa conexão com a impossibilidade de pertencerem a uma sociedade, na qual é estruturada por questões raciais, coloniais e patriarcais.

Enquanto isso, Cristophine, mesmo em uma posição de sujeito subalternizada, apresenta-se como uma figura de resistência e representação da cultural local caribenha, sendo um contraponto para a experiência de Antoinette. Observa-se no trecho a seguir como Rhys contribui para o pensamento de Said (2011), o qual a voz marginalizada questiona o discurso dominante. "Todas as mulheres, de todas as cores, não passam de idiotas. Eu tenho três filhos. Um deles vivendo neste mundo, cada um de um pai diferente, mas nenhum marido, graças a Deus. Eu guardo o meu dinheiro. Não dou para nenhum vagabundo." (RHYS, 2012, p. 78). Logo, esse diálogo demonstra como Christophine é um exemplo de oposição ao regime colonial e patriarcal para Antoinette.

Christophine é quem personifica os costumes e crenças caribenhos influenciando a identidade de Antoinette. Nesse sentido, a autora apresenta, por meio da personagem, a prática religiosa conhecida como *Obeah*, um culto ancestral de origens africanas com fins benéficos, como a cura. Entretanto, é comumente associada, de forma preconceituosa, à feitiçaria diabólica ou à "magia negra", como estratégia de deslegitimação, em detrimento das religiões europeias, uma vez que que se opõe ao sistema colonial e às suas imposições culturais. Dessa forma, o Obeah funciona como uma forma de resistência simbólica, preservando crenças e tradições, não apenas evidenciando o embate entre culturas.

Bilby e Handler (2004) argumentam que os europeus distorceram o significado do Obeah em uma perspectiva negativa para subjugar a cultura caribenha e se estabeleceram como poder dominante. Sob essa ótica, durante a narrativa, Rochester enxerga essa prática como uma ameaça, pois ela escapa da suposta racionalidade europeia e se torna algo que ele não pode controlar ou compreender. Essa dominação evidencia um processo de apagamento identitário que vai contra os ideais de Hall (2013), acerca das transformações nas identidades

culturais, uma vez que busca silenciar as práticas religiosas das personagens femininas caribenhas.

Desse modo, é possível ver no trecho "— E foi então — disse eu friamente — que você entrou, não foi? Você tentou me envenenar." (RHYS, p. 111-112), que Rochester associa o *Obeah* e Christophine a uma ameaça criminosa a partir de uma visão colonialista marcada pelo medo e pela insegurança. Ele desvaloriza, assim, os saberes caribenhos, além da conexão que Antoinette e Christophine possuem por meio dessa tradição.

No entanto, o romance mostra como o *Obeah* não é apenas uma prática religiosa, mas uma forma de resistência do povo caribenho mediante as imposições coloniais, sobretudo de Christophine, cuja narrativa atravessa a de Antoinette. Quando a protagonista recorre à religião de Chistophine, ela percebe uma forma de enfrentar as imposições do marido, o que ressalta a conexão da cultura caribenha à identidade de Antoinette. Segundo Gabriela Pinto (2017), a palavra "fetiche" era associada não apenas à sexualidade feminina, mas também às religiões dos povos colonizados que eram consideradas, de modo pejorativo, como bruxaria, a fim de deslegitimar tradições culturais e a autonomia corporal das mulheres. No entanto, a ação religiosa das personagens evidencia como uma mulher, que permanece conectada com a herança cultural das ilhas, subverte o papel de "feiticeira" ou "bruxa", atribuído pelos europeus, como força política, visto que ela detém o poder de contrariar o sistema colonial e resistir à dominação, ao recusar submeter-se às leis inglesas que anseiam em reduzir o papel da mulher, especialmente da mulher caribenha. Essa perspectiva é apresentada no excerto "Nem correntes, nem trabalhos forçados, nem solitária. Este é um país livre e eu sou uma mulher livre." (RHYS, p, 115), no qual Christophine revela-se como símbolo de resistência, entrelaçando sua jornada com a de Antoinette.

Portanto, o incêndio final é uma representação simbólica tanto de ruptura quanto de liberdade, do encontro de narrativas femininas, que moldaram a trajetória da identidade de Antoinette. Nesse sentido, ao queimar tudo, a protagonista, ao invés de sucumbir às imposições da época vitoriana de "mulher louca", reafirma sua subjetividade, ao mesmo tempo em que, diferentemente da mãe, Annette, cuja identidade foi profundamente afetada após um incêndio, traça uma trajetória de retomada do controle da própria vida, recusando o silenciamento e a rotulação de "louca".

Esse processo também dialoga com Christophine, que por meio de seus ensinamentos passados a Antoinette, a protagonista resiste ao patriarcalismo e ao colonialismo, com o fogo simbolizando a sua independência. A passagem a seguir infere essa análise: "Eu estava do lado de fora segurando a minha vela. Agora, finalmente, eu sabia por que tinham me trazido

para cá e o que eu tinha que fazer.” (RHYS, 2012, p. 136). Embora, seu percurso dialogue com a mãe, Antoinette refaz seu destino, ao reencontrar sua herança cultural caribenha apresentada por Christophine, transformando o incêndio em uma forma consciente de libertação.

Dessa maneira, a presença subjetiva de ambas na vida de Antoinette contribui para a construção de uma identidade fragmentada, evidenciando os impactos da colonialidade nas ilhas caribenhas e na constituição da subjetividade da jovem (BARBOSA, 2024). Por um lado, é possível notar que Christophine representa a identidade caribenha para a protagonista, enquanto, por outro, Annette representa as tensões de não se identificar com uma cultura. Essa dualidade de heranças culturais contribui para o pensamento de Bell Hooks (2019), o qual ela critica a visão universalizante atribuída às mulheres. Não se pode falar da identidade de Antoinette de uma forma única, mas do encontro de duas experiências que formam a dela.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do trabalho em questão foi possível analisar como Jean Rhys representa o encontro das narrativas femininas presentes no livro *Wide Sargasso Sea,* ao questionar o cânone literário por meio de vozes historicamente marginalizadas a partir de suas distintas experiências. Conforme os conceitos teóricos pós-coloniais e dos estudos da crítica literária feminista, compreende-se que o romance traz uma visão pluralizada do colonialismo e do patriarcalismo ao questionar questões de raça, classe e gênero na trajetória destas mulheres caribenhas.

Do ponto de vista acadêmico, a pesquisa possibilitou compreender, de forma mais abrangente, como a literatura pós-colonial desconstrói as representações femininas escritas pelo discurso hegemônico, refletindo sobre como as identidades das mulheres foram afetadas pelo olhar colonial. Além disso, autores como Rhys, que revisitam obras canônicas, reforçam como a literatura é uma ferramenta que se transforma em um espaço de resistência e diversidade a partir de novas realidades. Atualmente, debate-se sobre a importância de reconhecer o quanto diferentes culturas ampliam a visão de mundo das pessoas e, ao problematizar as violências e as opressões causadas pelo sistema colonial e patriarcal, evidencia-se a necessidade de ampliar as discussões sobre identidade, gênero e poder.

A partir da análise do romance, verificou-se que as trajetórias femininas não podem ser retratadas de forma homogênea, pois os impactos coloniais foram desiguais conforme a hierarquia social de cada mulher. Antoinette, Christophine e Annette apresentam diferentes

narrativas em virtude das marcas deixadas pela interseccionalidade de categorias de raça, classe e gênero. No entanto, vale destacar que apesar da distinção entre suas experiências, a identidade feminina caribenha de Antoinette foi construída por meio dos referenciais culturais das duas mulheres em sua vida, o que colaborou para a fragmentação identitária da protagonista.

Ademais, a presença da voz narrativa de Rochester reforça a crítica de Jean Rhys acerca da imposição de valores e crenças do colonizador como uma fonte de dominação, o que é confirmado quando o homem tenta apagar a identidade de Antoinette, ao chamá-la de "Bertha". Desse modo, a autora desafia o imperialismo ao colocar as personagens de Antoinette e Christophine, que recuperam suas vozes femininas marginalizadas, para desestruturar as influências do colonialismo e do patriarcalismo.

Considera-se que o objetivo geral da pesquisa foi alcançado, visto que a autora do livro utiliza do recurso de entrelaçamento de vozes femininas a fim de questionar o discurso dominante e desmantelar os estereótipos universalizantes das mulheres caribenhas. Assim, Antoinette, Christophine e Annette não revelam somente a diversidade das vivências de cada uma, como também constroem uma multiplicidade na construção de identidades caribenhas que foram afetadas durante e após a colonização.

Por fim, acredita-se que esta pesquisa pode contribuir para os estudos de literatura inglesa pós-colonial, pois *Wide Sargasso Sea* permite uma leitura mais profunda acerca das influências coloniais nas vivências e representações femininas, questionando o discurso dominante presente em diversas obras. Além disso, o estudo evidencia como o encontro de experiências entre mulheres pode moldar uma identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures.** 2. ed. London: Routledge, 2002.

AZEVEDO, Elizabeth Ribeiro; HERBOLD, Hildegard. **Caribe: o paraíso submetido**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Tudo é História, v. 108).

BARBOSA, Ana Paula Herculano. **"Territórios e afetos: decolonialidade em vasto mar de sargaços, de Jean Rhys."** (2024).

BILBY, Kenneth M.; HANDLER, Jerome S. Obeah. **The Journal of Caribbean History**, v. 38, n. 2, p. 153-183, 2004.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CASTRO, Yeda Pessoa de. **Aspectos culturais e linguísticos de africanias no Caribe**. In: CARDIM, Carlos Henrique; DIAS FILHO, Rubens Gama (org.). *A herança africana no Brasil e no Caribe*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. p. 89-102.

COMISSÃO ECONÔMICA PARA A AMÉRICA LATINA E O CARIBE (CEPAL). **Mulheres afrodescendentes na América Latina e no Caribe: dívidas de igualdade. Santiago**: CEPAL, 2018. Disponível em: CEPAL – Mulheres afrodescendentes na América Latina e no Caribe: dívidas de igualdade. Acesso em: 17 jul. 2026.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the intersection of race and sex: A black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. In: **Feminist legal theories**. Routledge, 2013. p. 23-51.

DA SILVA, Eliane Santos; JARDIM, Nadege Ferreira Rodrigues. Bruxas e curandeiras, mulheres e feiticeiras: reflexões decoloniais sobre as personagens Christophine, de Jean Rhys e Man Yaya, de Maryse Condé. **Pontos de Interrogação–Revista de Crítica Cultural**, v. 13, n. 1, p. 279-296, 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo editorial, 2016.

DE OLIVEIRA, Dileane Fagundes; ALÓS, Anselmo Peres. Crítica literária feminista: um projeto em contínua construção. **Jangada: crítica| literatura| artes**, v. 11, n. 1, p. e110110-e110110, 2023.

EVARISTO, Conceição. (2007). Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, M. A. (Org.). **Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces**. Belo Horizonte: Maza, p. 16-21.

FREITAS, Viviane. "Vasto mar de sargaços: a poesia, a identidade e o mar caribenhos." **Revista INTERFACES** 28.1 (2018): 140-157.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Organização de Liv Sovik. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.24, p.68-75, 1996.

HIGMAN, Barry W. **A concise history of the Caribbean**. Cambridge University Press, 2010.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Tradução de Bhuvi Libanio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

LEMONIUS, Michele. **“Deviously Ingenious”: British Colonialism in Jamaica**. Peace Research: The Canadian Journal of Peace and Conflict Studies, v. 49, n. 2, p. 79–103, 2017.

LUGONES, María. **Colonialidad y género**. *Tabula Rasa*, Bogotá, n. 9, p. 73–102, jul./dez. 2008. Disponível em: SciELO Colombia. Acesso em: 17 jul. 2026.

MACEO, Leandro. **Colonialismo no Caribe: uma dívida com a história**. Instituto de Estudos Latino-Americanos (IELA), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 15 jan. 2015. Disponível em: https://iela.ufsc.br/colonialismo-no-caribe-uma-divida-com-a-historia/. Acesso em: 17 jul. 2026.

MULLER, Mirian Alice et al. **A trajetória de vida das personagens femininas de Jean Rhys e Doris Lessing**. 2016.

PINTO, Gabriela de Souza. **“This is free country and I am free woman”: a construção identitária das personagens femininas em Jane Eyre e Wide Sargasso Sea sob a ótica da crítica feminista e pós-colonial.** 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2017.

PINTO, Simone Rodrigues; BERNARDES, Aristinete. Identidades caribenhas: crioulização em Édouard Glissant. **Sociedade e Estado**, v. 34, p. 637-660, 2019.

PORTAL LATINO-AMERICANO USP. **Jamaica.** Universidade de São Paulo, [s.d.]. Disponível em: https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-jamaica. Acesso em: 31 maio 2026.

PONTILHO, Carla. Prefácio. In: **Vasto Mar de Sargaços**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012. p. 4–6.

RHYS, Jean. **Vasto mar de sargaços**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa**: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores. Tradução: Ana Luiza Braga; Lior Zisman Zalis. São Paulo: n-1 Edições, 2021.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia de Bolso, 2011.

SCHEMAN, Naomi. Epistemologia feminista. **Revista Ideação, Feira de Santana**, n. 42, p. 30-44, 2020.

SILVA, Ana Lúcia Rocha et al. Considerações sobre Discurso Pós-Colonial e Literatura. **Revista de Geopolítica**, v. 17, n. 3, p. e1968-e1968, 2026.